

RELIGIOSIDADE POPULAR E PODER NO NORDESTE ORIENTAL DO BRASIL: A MEDICALIZAÇÃO DA RELIGIOSIDADE POPULAR NA DÉCADA DE 1930

Elaine Santana do Ó*
Zuleica Dantas Pereira CAMPOS**

RESUMO: A década de 1930 no Brasil é marcada por uma mudança no modo da medicina enxergar e resolver seus problemas. A vida em sociedade passa a ter grande importância, pois a medicina social pretendia conhecer para prever e controlar a vivência nas cidades. Nesse contexto a prática das religiões populares foi entendida como um tipo de mal, e até mesmo causa de loucura, por isso, passou a ser fiscalizada pelo Estado, onde este garantia ou não uma licença de funcionamento. Os espaços que conseguiam a licença recebiam com frequência funcionários do Serviço de Higiene Mental, que observavam seus rituais, e escreviam artigos através de suas observações, que hoje se encontram no arquivo de assistência aos psicopatas. Dispomo-nos em nossa pesquisa, a analisar esses documentos para compreender a relação da religiosidade popular e doença mental na década de trinta, sob o ponto de vista da medicina.

Palavras-chave: Religiosidade. Cultura. Alienados.

Introdução

Este artigo é resultado de um ano de iniciação científica, cujo objetivo é entender sob o ponto de vista da saúde, como se estabelecia o discurso sobre a religiosidade popular na década de 1930. Para isto analisamos os artigos escritos sobre religião e psiquiatria que se encontram publicados na revista “Arquivo da Assistência a Psicopatas” o que nos possibilitou melhor compreender a relação entre religiosidade popular e doença mental nesse período. Essa pesquisa foi entendida por nós como sendo extremamente necessária para a historiografia brasileira pela complexidade e disparidade que essa relação entre religião e medicina possuía, e devido à escassez de estudos nesse sentido.

Religiosidade popular e sua relação com a medicina na década de 30

A década de 1930 no Brasil é marcada por uma mudança na medicina, passando a ter a vida em sociedade grande importância, pois a medicina social pretendia conhecer para prever e controlar a vivência nas cidades. Devido à Alemanha de Hitler, a década de 30, trás consigo também, um forte pensamento racista, e é neste contexto histórico que o médico psiquiatra Ulysses pernambucano, que dominou a psiquiatria em Pernambuco de 1920 a 1940, relaciona às religiões afro-brasileiras e as demais religiões populares, com doenças mentais. Ulysses foi diretor do Hospital psiquiátrico, a Tamarineira, por um longo período onde fez inovações e

* Graduanda em História pela Universidade Católica de Pernambuco (lane_khorus@hotmail.com).

** Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Atualmente é professora do departamento de História da UNICAP (zuleicape@hotmail.com).

“revolucionou” o modo de tratar os pacientes. Uma de suas principais mudanças em relação às práticas médicas da época, é que os loucos não deveriam ser presos, e detidos em camisas de força, ao contrário disto propunha a abolição desses meios de contenção. Ulysses Pernambucano, Mensalmente promovia uma reunião com todos os funcionários do serviço sanitário da Assistência a Psicopatas, médicos, internos, auxiliares do instituto de psicologia, e visitadoras da higiene mental, controlando dessa maneira diretamente a articulação de todos os serviços. Além de tudo que já foi dito sobre Ulysses veremos mais adiante que foi ele também, uma das principais figuras na grande reforma sofrida pelo Hospital de Alienados na década de 1930.

A assistência aos doentes mentais em Pernambuco restringia-se ao Hospital de Alienados, pois eram acolhidos, não só os alienados, como os que poderiam ser tratados em hospital aberto e ainda os loucos criminosos, os epiléticos, os toxicômanos, e etc. Portanto o Hospital, como sendo o único refúgio para todos os tipos de psicopatas, via sua população aumentar a cada dia. Nesse período o governador Sérgio Loreto, inspirado pelo diretor do departamento de saúde e assistência, Dr. Amauri de Medeiros, passou o hospital que era administrado pela Santa Casa, para o Estado. Porém não podemos atribuir essa super lotação ao Hospital somente com o argumento acima, foram causas diversas, podemos citar como uma delas, a construção de uma estrada de rodagem que nos ligava ao interior do Estado, nos fazendo receber alienados também de todo o interior, o que acabava tornando insustentável a situação do Hospital, pois ele já não suportava a demanda (PERNAMBUCANO. 1932).

Em 16 de maio de 1931 Ulysses Pernambucano assumiu a direção geral do serviço de assistência a psicopatas, e procurou imediatamente executar a reforma que o Estado havia decretado. A reforma iniciou-se em Outubro do mesmo ano sob a fiscalização da Repartição de Obras Públicas e direta administração da Assistência a Psicopatas. Esta Reforma pretendia construir dois pavilhões que pudessem abrigar cerca de 300 leitos, construir um Hospital Aberto, construir uma Colônia, a construção de um Manicômio Judiciário para os alienados criminosos, e o serviço de Higiene mental que funciona como um serviço de prevenção das doenças mentais e que foi nossa fonte de pesquisa para construção deste artigo. A Colônia foi inaugurada em 12 de novembro de 1931, lá os loucos, como era o objetivo, tinha contato direto com o campo, e podia andar por todo o espaço livremente, o que eles aproveitaram e responderam com dentro do que se era esperado. Entre algumas dificuldades que a colônia enfrentava assim que foi fundada a principal foi a falta de material agrícola, mas depois, com a chegada do primeiro pedido dos materiais, fizeram a distribuição por turmas com serviços sistemáticos de forma a adaptá-los e educá-los. Havia turmas que construía estradas, ajudavam na limpeza, na cozinha, etc. Os doentes se adaptaram muito bem, porém alguns que já sabiam algum tipo de trabalho como serralheiros, carpinteiros, ferreiros sentiam dificuldade de adentrar em outro tipo de trabalho, mas eram forçados a lhe dar com isso tendo em vista que muitas vezes não podiam fazer o que sabiam por falta de material. Plantava-se Abacaxi, mandioca, macaxeira, araruta, milho, feijão, e oficinas para aqueles doentes que não se adaptavam com o serviço agrícola. A função da colônia, portanto, era fazer com que os doentes voltassem o quanto antes a sua vida antes da internação. Dessa forma vê-se claramente que se acreditava no trabalho como sendo um benefício para os doentes trás, e que havia também grande a preocupação que esses indivíduos gerassem alguma remuneração para o Estado (PERNAMBUCANO.1932).

O Hospital aberto não foi construído no mesmo ano, mas no ano seguinte o governo adquiriu uma excelente casa com grande terreno, na Rua Padre Roma, n 149, situada o que significa que ficava a menos de 200 metros do Hospital de Alienados, o que facilitara todos os serviços administrativos com economia para o Estado, onde vemos mais uma vez a preocupação em “agradar” o Estado. As demais aspirações foram sendo alcançadas, algumas com maior dificuldade, e espaço de tempo maior, como foi o caso do Manicômio Judiciário, que foi um grande problema da década de 1930, pois os alienados criminosos eram ainda presos em cárceres públicos e em celas comuns, sem assistência e cuidados. Ou, por outro lado, eram internadas em asilos comuns destinados as psicopatas sem precedentes criminais (PERNAMBUCANO.1932).

A disciplina indispensável nas prisões comuns não é compatível com a presença nos cárceres de loucos criminosos, que além de contribuírem inevitavelmente para a desorganização dos respectivos serviços, não se adaptariam jamais a um regime penitenciário adequado aos criminosos sãos. Demais seria iludido um dos escopos mais importantes da pena – a correção ou emenda do criminoso – por ser impossível sua aplicação aos insanos mentais. Por outro aspecto, a internação desses delinqüentes em asilos destinados aos doentes comuns, oferecia além dos inconvenientes acima registrados, perigosa e humilhante promiscuidade com os alienados não criminosos, provocando, ao mesmo tempo, constantes distúrbios e anarquia no seio do hospital (ARELIANO,1935, p. 38).

Depois de um breve resumo introdutório sobre a situação do Hospital de Alienados do Recife na década de 1930, venho agora focar nas questões religiosas que interessavam e atingiam essa instituição e seus profissionais. Nesse período a prática das religiões Afrodescendentes, do espiritismo e de outras religiões, foram entendidas como um tipo de mal, e até mesmo causa de loucura. Por isso, passou a ser fiscalizada pelo Estado, onde este garantia ou não uma licença de funcionamento. As “Seitas Africanas”, como eram denominadas, para obterem sua licença tinham que submeter seus babalorixás a testes psicológicos e exames clínicos. Para os centros espíritas obterem licença de funcionamento, por exemplo, também tinham que submeter seus médiuns a exames. Ainda assim, as cerimônias eram acompanhadas pelo serviço de higiene mental, o que ajudava na solução de diversos problemas referentes aos afro-brasileiros, de acordo com as práticas médicas da época. E foi justamente o grande número de centros espíritas existentes na Capital e Interior cujo número, na década de 1930, calculou em 200 para a zona urbana e podemos afirmar que a quantia de seitas africanas nesse período também não ficava abaixo, além disso, continuava aparecendo no Recife novas religiões, suscitando ainda mais o serviço de higiene mental ao Estudo das Religiões.

Os Xangôs no Recife ficavam afastados das outras casas, no meio de sítios ou cercados, em arrabaldes de grande densidade de população pobre. Primeiro essas religiões sofreram influência do catolicismo e agora sofrera influência também do espiritismo. A policia reprimia os núcleos de macumba e feitiçaria africana que existiam espalhados pelos subúrbios e exigia tanto para os centros espíritas quanto para as seitas africanas a apresentação dos seus regulamentos, documento essencial para a concessão da licença de livre funcionamento (GONÇALVES.1935.).

Existia uma grande rivalidade entre os terreiros. Filho de um terreiro não dançava com outro pai, apenas às vezes quando é da mesma nação. Devido a estas rivalidades havia certa “sabotagem” entre esses espaços, onde muitas vezes um denunciava o outro para a polícia, afim de que o outro fechasse. Os babalorixás, sacerdotes, pais do terreiro ou pais de santo, filhos ou netos de africanos na sua maioria, outros “criolos” e até pardos são os dirigentes dos cultos, sua companheira chamam de mãe grande. Nos terreiros dirigidos por mulher, essa toma o nome de ialorixá, mãe de terreiro ou mãe de santo, sendo as suas funções absolutamente equiparadas as do babalorixá. Todos os pais de terreiros têm os seus herdeiros que por sua morte assumem a chefia do culto. Nem sempre os seus parentes, mesmo os mais próximos, são contemplados no testamento, que contém uma extensa lista, onde a sucessão é feita pela ordem. O terreiro propriamente dito é a sala principal da casa onde reside o pai de santo, mas que vulgarmente chamamos como sendo todo o espaço de culto. Dos terreiros, o mais destacado desde a década de 1930, é sem duvida o de pai Adão. Adão era severo e tratava os empregados do SHM de igual para igual. Pai Adão afirmou em uma das visitas do S.H.M que eles não adoram Exu, pois ele é um anjo que se perverteu, o que seria para o catolicismo o Diabo, por isso eles só buscam satisfazê-lo, diferentemente do branco e do índio, que ele acusa de adora o diabo. Adão era o único babalorixá em Recife que falava a língua nagô e ele próprio se dava bastante importância por conta disso. O estado de Santo observado nas cerimônias religiosas dos terreiros é um dos principais interesses do SHM. Cada terreiro tinha em media cerca de 20 a 30 filiados, na sua

maioria mulata e criolos, raramente havia um branco. O Serviço de Higiene Mental acompanhando de perto as suas práticas e atividade tinham em mãos o seu controle para qualquer intervenção profilática necessária (GONÇALVES.1935).

O estado de Santo observado nas cerimônias religiosas dos terreiros é um dos ângulos de interesse para o SHM. Nas minhas observações Vê-se “o estado de santo” provocado no terreiro, durante a dança, ou ainda fora dele, em lugar onde chegavam apenas a musica da toada e o batuque já amortecido dos ilús. No terreiro de Adão, onde as práticas são mais puras, menos dissolvidas pelo sincretismo religioso, raramente se observa uma “queda de santo”. O ritmo dos ilús, as musicas das toadas são, no entanto, muito semelhante aos dos outros terreiros. A ingestão de bebidas diversas, infusões, e decoctos de ervas, entre elas a maconha, usadas em vários terreiros durante o toque, pode favorecer a eclosão síndrome. Afora as formas e processos ligados a histeria e estados diversos de modificação da personalidade, suficientes para justifica-la (GONÇALVES. 1935. P.132).

Sobre mais características dos terreiros é valido citar, ainda que da Bahia, este trecho:

Os negros, na Bahia, possuem alguns instrumentos musicais de evidente origem africana. Nos candomblés, a orquestra se compõe, em regra, de quatro instrumentos: atabaque, agogô, chocalho e cabaça. O primeiro, o atabaque é uma pele seca de animal estendida sobre a extremidade de um cilindro oco. O agogô é quase sempre um pedaço de ferro qualquer, percutido por outro menor. O chocalho é um cilindro de folha-de-flandres com seixos dentro, é por demais conhecido no Brasil. Fora estes existem outros ainda (CARNEIRO,1981,p. 61).

Foi justamente com a criação do serviço de Higiene Mental da Assistência a Psicopatas que começou a se fazer um estudo sério da prática do espiritismo entre nós. Na revista de Assistência aos Psicopatas, haviam varias edições voltadas para esse estudo, e neles encontram-se os perfis dos Médiuns, que em sua maioria eram analfabetos, ou tinham instrução primaria, e nestas algumas ainda de instrução rudimentar. Sempre vamos encontrá-los nesse período, nas camadas mais baixas da população, o que faz o SHM supor que encontram na mediunidade lucros pecuniários. A maioria desses médiuns se arriscava no curandeirismo, o que “irritava” profundamente os médicos, pois estes quando em estado de transe medicavam as pessoas em nome da entidade que afirmavam estar possessos. Como disse a cima, A prática do espiritismo se instalou nas camadas mais baixas da população, estas que já representavam de qualquer forma um problema para a época, e por isso faziam desses locais um rendoso meio de vida, segundo a visão do SHM do período. Os responsáveis pelos “centros” que estão espalhados por todos os bairros da cidade, principalmente nos bairros mais pobres. Para as psiquiátricas da época, essas práticas eram extremamente prejudiciais à saúde mental. Somente dois núcleos espíritas em Recife promoviam reuniões em que é desdobrado o evangelho próprio, mas ainda assim, os fiéis não conseguem se livrar das sugestões católicas. As imagens, os terços, as medalhas, as orações mais ou menos modificadas, aparecem a cada momento na liturgia das reuniões. Muitos adeptos espíritas visitam comumente as igrejas católicas, e na quase totalidade dos centros que o SHM observou havia estampa de santos nas paredes.

Discursando ou receitando nunca vimos nas sessões visitadas o menos indicio de médium, servindo de instrumento, demonstrar conhecimentos acima de suas capacidades, de sua aprendizagem anterior. Não vimos, por exemplo, um só médium analfabeto cuja mão algum espírito guiasse. Os centros eram refúgios de pobres, gente ignorante que procura neles aliviar seus males, núcleos onde

pequenos psicopatas encontram ambientes propício para suas tendências mórbidas (LIMA, 1932, p. 141).

Pedro Cavalcanti, auxiliar técnico do serviço de higiene mental, na Revista de Assistência aos Psicopatas, registrou muitas informações sobre uma seita que ele investigou no bairro de Beberibe, vale lembrar que as pessoas desse bairro são carentes, com empregos simples. Achamos também em Beberibe, seitas de matriz africanas e centros espíritas. Mas o interessante dessa investigação é que ele achou uma seita panteísta cujo, templo tinha uma arquitetura “bizarra”. Homens e mulheres eram separados, e tanto a diretoria quanto os visitantes também tinham seus lugares separados. Havia nas salas esculturas grosseiramente feitas em gesso, cabeças que representavam Marte, Júpiter, Netuno e Urano. Apoiando as duas extremidades sobre o altar estão umas grandes estrelas também em massa chamada, Vestra. Pelas paredes em alto relevo leem-se frases como estas: A natureza mãe do universo; Deus tudo quanto a bom. O culto dos adoradores era realizado no templo nas terças, quintas e domingos a noite. Ou nas excursões a cachoeiras, rios, serras e etc. Algumas vezes fica em vigília a noite toda para adorar a estrela Dalva. Nos cultos eram proclamados versos pobres de sentido e rima que faz referência às águas, as florestas, a lua, aos planetas. Depois acontecem cânticos, que são monotomos e pobres, lembram as músicas dos protestantes. Falava também em alguns momentos uma língua improvisada. Os adoradores apresentam uma fobia acentuada pelas demais religiões, inclusive com a igreja católica, com a qual, inclusive, são bem irreverentes. O otimismo é constitui ponto fundamental na vida destes adoradores, e é por isso, que não acreditam em Cristo. Se for filho de Deus porque sofreu tanto? O sofrimento é um mal. Os adeptos do círculo devem ser homens exemplares, não deve fumar, nem beber, e nem desejar a mulher do próximo. Há uma vigilância recíproca pra que esses pontos fossem cumpridos. Este mesmo autor finaliza suas observações, com a seguinte conclusão:

O serviço de higiene mental vem se interessando em investigações sobre as religiões no Recife. A muitos parecerá descabida esta iniciativa. As religiões, principalmente as inferiores, desenvolvendo anormalmente a cultura do subconsciente, crêem manifestações mórbidas do “automatismo psicológico”. Sabe-se que com esse automatismo desregrado pode se chegar a manifestações mórbidas das mais graves. Conhecer pois as religiões que se desenvolve em uma grande cidade, principalmente no seio da população inculta, é ter informações seguras sobre a probabilidade de verdadeiras epidemias que povoam os asilos e, as vezes fazem correr o sangue. Afora o interesse psicossociológico que esses estudos tem em si, até para as especulações sobre a gênese e o desenvolvimento do sentido religioso. De qual quer modo conhecê-las é ficar armado de elementos para uma intervenção profilática em momento oportuno (CAVALCANTI, 1933, p. 62).

O Professor Ulysses Pernambucano fazia críticas freqüentes às estatísticas feitas pelos psiquiatras. Pois ele enxergava dois defeitos nas estatísticas, o primeiro é que só se faz para atender aos pedidos das repartições de estatísticas, e o outro defeito das estatísticas é que elas só fornecem informações sobre freqüência das doenças segundo o número de doentes internados. A multidão de problemas que fervilha em torno desses doentes e dessas doenças nem se quer é levado em conta. O papel de fatores biológicos como a hereditariedade, tóxicos, e infecciosos (alcoolismo e sífilis em certas psicoses), sociais (condições de vida, estudo do meio, influência de religiões, fetichismo, entre outros) não são levadas em consideração, o que é uma pena, pois para Ulysses todas essas indagações convenientemente respondidas trariam soluções para prementes problemas de higiene mental.

A estatística é essencial para quem quer trabalhar com o social, pois através delas obtemos dado, que são informações, e mais tarde transformamos em conhecimento, portanto é entendível a preocupação de Ulysses quanto a esse respeito. Segundo Ulysses, as dificuldades gerais das

estatísticas psiquiátricas se agravavam, porque as estatísticas de população são omissas em quase tudo que se refere a raças e essa é uma questão tão interessante de se realizar tanto quanto com os negros, ou ainda mais, seriam os trabalhos que se propusessem a estudar as doenças mentais entre os mestiços, demonstrando a forte relação que a medicina acreditava existir entre raça e loucura. O fato é que os psiquiatras não tinham o tempo necessário sobrando para realizar essas pesquisas. Estudando as doenças mentais entre os nossos negros pretendia-se apurar: se as doenças mentais entre os indivíduos de raça negra são tão freqüentes quanto nas outras raças, e quais e em que proporções são encontradas as diferentes doenças mentais nos negros internado no Hospital de Alienados. Segundo uma pesquisa estatística que Ulysses fez nesse sentido, temos os seguintes resultados: os negros apresentavam maior número de infectados que as outras raças reunidas, por sífilis e tinha mais esclerose, demências terminais, debilidade, imbecilidade, idiotia, maior freqüência de alcoolismo e dos delírios infecciosos. Ulysses orientou ainda, estudantes dos três últimos anos de medicina a cerca de higiene mental. E nos estudos estatísticos entravam as seguintes classificações: Sexo, Idade no internamento, Nacionalidade, Raça, Estado Civil, Procedência, Época de entrada, Uso do tóxico- histórico minucioso. Entre os questionamentos dessas pesquisas surgiu: “os doentes mentais eram mais freqüentes nos brancos, negros, ou mulatos?” (CAMPOS. 1932).

As dificuldades gerais das estatísticas psiquiátricas no Brasil se agravam porque as nossas estatísticas de população são omissas em quase tudo que se refere às raças que povoam o país. Tão interessante quanto o dos negros, ou mais ainda, seria o trabalho que se propusesse a estudar as doenças mentais entre os nossos mestiços (PERNAMBUCANO, 1932, p. 120).

A década de 30 foi um período de avanço da medicina, embora esse avanço seja hoje, totalmente questionável. O fato é que se desenvolveram inúmeras pesquisas, e buscou-se solucionar problemas que assolava a população da época, se utilizando para isto, de grandes novidades nesse sentido, como a criação do SHM, e de ambientes propícios e favoráveis a mudança.

Considerações Finais

Todas essas informações foram retiradas das análises dos dados contidos na Revista de Assistência a Psicopatas. Vimos, portanto a importância que a religião representava para o estudo dos alienados na década de 1930, estes que representam uma parcela da população e que nesse momento preocupa e reflete a outra parcela como ficou visível neste artigo, o que torna esse estudo de extrema importância para entender a sociedade da década de 1930. Esse estudo nos possibilitou compreender o grau de pré conceito em relação as religiões populares da época, o pensamento da medicina, do estado, dos fiéis, dos líderes religiosos, e todos os demais envolvidos. Demos aqui um grande avanço para compreender essa sociedade, e aproveitamos para sugerir novos trabalhos a despeito da mesma, em outros aspectos, sobre outras óticas, e com outros métodos, para que assim entendamos os vários lados da história desse período e dessa sociedade que se mostra tão complexa, e diferente da nossa atual.

Referências Bibliografia

AURELIANO, João. Assistência aos Psicopatas criminosos. 1935.

CARNEIRO, Edison. Religiões Negras - Negros Bantos. Edições Civilização Brasileira. São Paulo, 1981.

CAMPOS, Helena. Revista de Assistência aos Psicopatas, As Doenças Mentais Entre os Negros de Pernambuco. 1932.

- CAVALCANTI, Pedro. Contribuição ao estudo do estado mental dos mediums. 1934.
- CAVALCANTI, Pedro. Investigações sobre as religiões no Recife: Uma seita panteísta. 1933
- CAMPOS, Helena. Revista de Assistência a Psicopatas, As Doenças Mentais Entre os Negros de Pernambuco. 1932.
- CAVALCANTI, Pedro. Revista de Assistência aos Psicopatas, Contribuição ao estudo do estado mental dos médiuns.
- DANTAS, Zuleica. O Combate ao Catimbó: práticas repressivas às religiões afro-umbandistas nos anos trinta e quarenta. Tese (doutorado em História) UFPE- Recife, 2001.
- FERRAZ, Álvaro. Revista de Assistência aos Psicopatas, Raça e Constituição individual.
- FERNANDES, Gonçalves. Investigações sobre os cultos Negro-fetichistas do Recife. 1935.
- LIMA, Dinice C. Revista de Assistência aos Psicopatas, Investigações sobre as religiões no Recife "O espiritismo". 1932.
- LIMA, Dinice C. Investigações sobre as religiões no Recife: "O espiritismo". 1932.
- LUCENA, José. Os fumadores de maconha em Pernambuco. 1934.
- LINS, Eulina. Inquérito sobre a situação dos egressos do Hospital de Alienados. 1935.
- LINS, Eulina. Quatro anos de atividade do serviço de higiene mental. 1935.
- NETO, Gonsalves de Mello. Revista de Assistência aos Psicopatas, Do Negro. 1933.
- NETO, Gonçalves de Mello. Do Negro. 1933.
- PERNAMBUCANO, Ulysses. Revista de Assistência aos Psicopatas, Ideas e Realizações.
- PERNAMBUCANO, Ulysses. As doenças mentais entre os negros de Pernambuco. 1932.
- PERNAMBUCANO, Ulysses. Assistência a Psicopatas em Pernambuco: Ideias e Realizações. 1932.
- PERNAMBUCANO, Ulysses e LASCIO, Arnaldo Di. Alguns dados antropológicos da população do Recife. 1935
- PERNAMBUCANO, Ulysses. O trabalho dos alienados na Assistência a Psicopatas de Pernambuco. 1934.
- RODRIGUES, Nina. Os Africanos no Brasil. Edições Madras. São Paulo, 2008.